

CINEMAS AFRICANOS NAS HISTÓRIAS E NAS TEORIAS DO CINEMA:

ESTÉTICAS, DESAFIOS E NOVOS CENÁRIOS

ANA CAMILA ESTEVES

JUSCIELE OLIVEIRA

MORGANA GAMA

No ano de 2023, celebramos o centenário de Ousmane Sembène (1923-2007), notável cineasta senegalês considerado pioneiro dos cinemas africanos. Sembène desempenhou um papel fundamental nas lutas e negociações em prol da construção de uma consciência africana pós-colonial, utilizando o cinema como ferramenta para dialogar com a sociedade senegalesa, que acabara de conquistar sua independência, e também com o mundo. Vindo originalmente da literatura, Sembène fez a transição para o cinema a fim de tornar suas mensagens políticas e estéticas mais acessíveis ao público local e global, e se destacou por sua capacidade de explorar diversos gêneros cinematográficos (comédia, drama, filme de guerras, filme sobre mulheres) e formatos (curtas e longas), infundindo em todos os seus filmes uma crítica aguda com ironia, sarcasmo e toques de comicidade.

A celebração do centenário de Ousmane Sembène serviu de inspiração e vontade para a concepção deste dossiê, com o propósito primordial de fomentar e aprofundar as pesquisas relacionadas aos cinemas africanos no Brasil e em língua portuguesa, em especial no que diz respeito à sua presença nos estudos de cinema e audiovisual. É notório que as obras teóricas de referência sobre os cinemas da África estão predominantemente disponíveis em publicações dos Estados Unidos e da França, em idiomas como inglês e francês. Nos últimos anos, no entanto, pesquisadoras e pesquisadores têm se empenhado não apenas na publicação em língua portuguesa, mas também na promoção do interesse de novas investigações que considerem filmes africanos no campo de estudos de histórias e teorias do cinema.

Em maio de 2023, tivemos a oportunidade de participar do *Colloque Ousmane Sembène: Hétérotopie des possibles*, realizado na Universidade Gaston Berger, localizada na cidade de Saint-Louis, no Senegal. Durante o evento, apresentamos um trabalho em língua portuguesa que explorava o elemento cômico na construção de personagens femininas nos filmes de Ousmane Sembène. Fomos as únicas pesquisadoras da América Latina a marcar presença nesse encontro acadêmico que contou com a participação de eminentes estudiosos(as) da área, incluindo Sada Niang (University of Victoria, Canadá), Melissa Thackway (Sciences-Po Paris/l'INALCO, França), Ute Fendler (Universität Bayreuth, Alemanha), Daniela Ricci (Université Paris Nanterre, França), Vincent Bouchard (Indiana University) e diversos outros(as) pesquisadores(as) de destaque da África, Europa e América do Norte. Nesse sentido, nosso desejo é incentivar a pesquisa e a escrita dos cinemas africanos em língua portuguesa também em âmbito internacional.

Atento e sensível à importância de diminuir a invisibilidade das obras fílmicas africanas no âmbito da pesquisa acadêmica, o periódico *A Barca* se destaca como um veículo em sintonia com diversidades estéticas, estilísticas, políticas e narrativas trazidas pelas cinematografias africanas, e se junta a nós neste longo percurso que ainda temos pela frente. Temos a honra e satisfação de colaborar para a segunda edição desta revista, que vemos crescer com muita expectativa. Nesse percurso, à medida que continuamos a expandir e aprimorar nossas próprias pesquisas e atividades relacionadas às cinematografias africanas, levando em consideração a multiplicidade de camadas e complexidades nas definições e classificações possíveis, buscamos posicionar o Brasil como um dos países que atualmente gera um volume significativo de pesquisas sobre os cinemas africanos.

O dossiê *Cinemas africanos nas histórias e nas teorias do cinema: estéticas, desafios e novos cenários* reúne um total de 13 textos (artigos, resenhas, tradução e entrevista) escritos por pessoas de diversos espaços geográficos (Brasil, Camarões e Guiné-Bissau), corroborando a expansão dos estudos em cinemas africanos no Brasil (Bahia, Santa Catarina, São Paulo, Rio de Janeiro), os quais são apresentados, neste dossiê, a partir de suas contribuições estéticas, dos seus desafios e dos novos cenários.

Começando por personalidades pioneiras nos cinemas africanos, os textos apresentados a seguir propõem olhares sobre o legado estético de Ousmane Sembène, Paulin Soumanou Vieyra e Safi Faye. O artigo "**As máscaras africanas na estética cinematográfica de Sembène**", de Sílvio Marcus Corrêa, discute de que forma a estética cinematográfica sembeniana mudou o significado atribuído às máscaras africanas, diferenciando-se do fetichismo con-

ferido a tais objetos no chamado “cinema colonial”. Transformação que pode ser observada especialmente no filme *La Noire de...* (1966) demonstrando a criatividade do cineasta senegalês em utilizar a linguagem cinematográfica para construir uma crítica anticolonial acerca de artefatos tradicionais.

Já o artigo “Retorno, captura, abertura: cosmopoéticas do comum no cinema de Paulin Soumanou Vieyra”, de Marcelo Ribeiro, nos convida a olhar para a obra do pioneiro, contemporâneo de Ousmane Sembène, Paulin Soumanou Vieyra (1925-1987). Partindo de uma reconstituição parcial da trajetória do cineasta, crítico, historiador e teórico dos cinemas africanos, o texto argumenta que o cinema de Vieyra, como parte de uma experiência “pós-colonial emergente”, se caracteriza por uma tensão entre “captura e abertura do comum”, em que o recurso a um enquadramento nacional como forma de imaginação política deve ser visto de maneira heterogênea.

Como parte desses pioneirismos, destaca-se o legado estético de Safi Faye (1943-2023), cineasta senegalesa que se notabilizou por investir na vertente documental, é o tema do artigo “Selbé, não existe descanso para as mulheres”, de Evelyn Sacramento. A partir do filme *Selbé et tant d'autres* (1982), a autora olha para o gesto de apropriação da cineasta que se utiliza da docuficção para retratar o cotidiano de mulheres em uma vila senegalesa, que precisam lidar com os efeitos de complexas relações de gêneros na estrutura social.

A questão estética ainda é evidenciada no artigo “Comédia do poder, poder da comédia: transformações estratégicas nos cinemas africanos” (*Comedy of power, power of comedy: strategic transformations in African cinemas*), publicado originalmente em inglês pelo pesquisador camaronês Alexie Tcheuyap – uma das grandes referências nos estudos de cinemas africanos da atualidade –, e traduzido por Ana Camila Esteves. Embora publicado em 2010, o texto continua atual e com uma abordagem relevante ao examinar as construções estruturais e semânticas do aspecto cômico nos filmes africanos, demonstrando que, nas produções fílmicas contemporâneas camaronesas e africanas, “a construção da nação não é incompatível com o riso”.

Nos estudos sobre cinemas africanos os desafios são latentes e constantes, principalmente em um segmento que tem conquistado relevância no Brasil: os filmes produzidos em Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP). É dessa forma que Juscielle Oliveira apresenta a resenha “Da importância de se publicar em língua portuguesa: uma resenha sobre *CineGrafiyas Angolanas*” (2022), ressaltando que escrever e publicar em língua portuguesa é parte de um ato de resistência estética e luta política, num contexto de hegemonia da língua inglesa, e

promover os cinemas africanos dos PALOP, a exemplo do cinema angolano, é uma luta para que a palavra e o cinema em língua portuguesa não sejam silenciados no mundo globalizado da “anglofilia”.

É assim que Renata Dariva escreve “**Cinemas em Angola: ‘Um passado com o futuro sempre adiado e um passado a merecer melhor presente’**”, artigo que analisa as relações do cinema produzido em/sobre Angola, a partir de um minucioso levantamento historiográfico, buscando observar os paradigmas que se estabeleceram na série de iniciativas transnacionais, desde os anos de 1970 até os dias atuais.

Outra produção dos PALOP contemplada no dossiê é o cinema da Guiné-Bissau. Na entrevista “**‘Eu sou parte do processo da luta. Sem a luta, eu não existiria como cineasta’**. Entrevista com Sana Na N’Hada”, Cristina Alvares Beskow conversa com o realizador pioneiro bissau-guineense Sana Na N’Hada que traz informações históricas valiosas sobre a luta de independência contra o colonialismo português, lembrando sua própria trajetória, incluindo sua formação em Cuba e também a cobertura da guerra anticolonial. Informações que chegam em um tempo oportuno, considerando que o cineasta estreou seu filme mais recente, *Nome* (2023), na mostra ACID em Cannes (França).

É no contexto de valorização de produções textuais sobre cinemas africanos em língua portuguesa que Thaís Vieira Costa apresenta a resenha “**Dimensões críticas sobre cinematografias africanas em Cinemas Africanos: abordagens críticas**” (2020), acerca da mais recente publicação sobre cinemas africanos no Brasil organizada pelas pesquisadoras Ana Camila Esteves e Juscielle Oliveira. Com foco em cinematografias africanas contemporâneas, a obra aborda diversas perspectivas sobre o campo e oferece importantes reflexões sobre a necessidade de se ampliar os estudos no Brasil.

Na vertente de filmes africanos contemporâneos que inauguram novos cenários de produção e discussão, Marcelo Esteves apresenta o artigo “**A Cozinha Incrível de Anesu: resiliência e cinema no Zimbabwe**”, que, de forma inovadora, se debruça sobre uma cinematografia ainda pouco conhecida no Brasil e até mesmo na África, a do Zimbabwe. Diante da descolonização tardia do país em 1980 e dos impactos na produção audiovisual, o texto destaca o potencial do cinema em atravessar fronteiras e ganhar o mundo em plataformas de *streaming* como a Netflix.

Os filmes contemporâneos também demonstram que a noção de fronteira, território e nação são relativas diante de múltiplas conexões. É sobre isso que trata “**De uma ponta à outra do oceano: conexões transatlânticas entre os filmes *Atlantique* e *Nanny***”, artigo de Lara Carvalho que analisa as conexões transatlânticas e de identidades

culturais entre dois filmes contemporâneos – *Atlantique* (Mati Diop, França/Senegal, 2019) e *Nanny* (Nikyatu Jusu, EUA/Serra Leoa, 2022). Tais filmes revelam a maneira como duas cineastas da diáspora, com experiências de vida distintas, abordam memória, ausência e amor de forma intimamente conectada, resultando em narrativas complexas de terror, produzidas em ambos os lados do oceano Atlântico, mas sobre um mesmo tema: “a memória daquilo que se perde na travessia”.

Já Liliane Mutti, com o texto “O entre-lugar para pensar o mal-estar do cinema nação”, levanta a questão sobre a necessidade de olhar os filmes contemporâneos sem reduzi-los à categoria de cinema nação. É nesse sentido que filmes como *A Corda* (Helder Bata, 2023) e *O Marinheiro das Montanhas* (Karim Aïnouz, 2021), produções transcontinentais exibidas no FESTin - Festival de Cinema Itinerante da Língua Portuguesa, são apreciadas enquanto parte de um conjunto de obras em que a manifestação estético-criativa de quem realiza transcende parâmetros associados a um pertencimento territorial. Uma discussão que também está presente na resenha “Cinema como reconstrução de identidades: comentários sobre *African Diasporic Cinema: aesthetics of reconstruction*” (2020), de Morgana Gama de Lima, no qual reflexões em torno de filmes produzidos por cineastas situados na diáspora africana, enquanto processo criativo integrante da reconstrução de identidades dos cineastas, demandam caminhos alternativos de análise fílmica, ampliando e reconfigurando a própria noção acerca de cinemas africanos na cena contemporânea.

Na esteira das resenhas de livros recém-lançados sobre os cinemas da África, Ana Camila Esteves apresenta “African Cinema in a Global Age” (2024), mais recente publicação de um dos mais importantes teóricos dos cinemas africanos, Kenneth Harrow. Em “Para além do ‘world cinema’: comentários sobre *African Cinema in a Global Age*” (2024), Esteves aponta como, neste livro, o autor busca situar filmes africanos contemporâneos na discussão teórica do que se convencionou chamar de “world cinema”, questionando nomenclaturas que considera ultrapassadas – como “diáspora”, por exemplo – no intuito de oferecer alternativas teóricas sobre cinematografias que, no contexto digital que situa o cinema contemporâneo, podem ser pensadas em nível global e em relação com obras do mundo inteiro.

Por fim, diante do panorama diverso e multidisciplinar apresentado, este dossiê traz textos que discutem as estéticas, os desafios e os novos cenários dos cinemas africanos. Ao apresentar olhares em torno desse campo de pesquisa, o dossiê evidencia, em língua portuguesa, um conjunto de críticas, análises, reflexões e perspectivas com potencial de preencher e ampliar as lacunas das histórias e teorias do cinema.